

Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade

Marcos Luiz Wiedemer¹
 Vinicius Maciel de Oliveira²

“A Gramática de Construções sugere que a linguagem consiste em nós e links entre esses nós, onde cada nó é uma construção de vários graus de esquematicidade”.³
 (TROUSDALE, 2017)

Resumo: Neste artigo propomos uma reflexão acerca das propriedades da construção, esquematicidade e produtividades, em termos de graus e, como consequência, acerca de sua relação com a gradiência inerente às categorias linguísticas. Para sustentar tal posição, consideramos os resultados de Cleres (2018), que confirmam a necessidade do tratamento da correlação entre graus de esquematicidade e produtividade associados à gradiência e à extensibilidade.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Esquematicidade. Gradiência. Extensibilidade.

Discussão inicial

Pesquisas na área do Funcionalismo têm buscado enquadrar seus estudos numa perspectiva de interface com o cognitivismo, com enfoque, especialmente, nos aspectos relacionados à explicação e descrição de construções gramaticais. Nesse cenário, as propostas de Fillmore (1988), Goldberg (1995), Croft (2001) e Langacker (2008) têm contribuído, cada vez mais, para um Funcionalismo que concebe o contexto como molde para as estruturas linguísticas. Assim sendo, essa interface, que tem recebido o nome de Linguística Funcional-Cognitiva, denominada, no Brasil, Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU, daqui em diante) busca sistematizar aspectos cognitivos (captação, transmissão e apreensão de

¹ Professor adjunto de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP com estágio sanduíche na Universität Erfurt sob a supervisão do professor Christian Lehmann. Membro do Conselho (Estudos Linguísticos) da ANPOLL, Vice-Coordenador do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Pesquisador do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G, UFF), do Sociofuncionalistas (UFMS/UERJ) e do Interfaces Linguísticas (UERJ). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ/FFP. E-mail: mlwiedemer@gmail.com

² Professor adjunto de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ. Pesquisador do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G, UFF). E-mail: vmoliveira@me.com

³ Cf. original: “CxG suggests that language consists of nodes and links between those nodes, where each node is a construction of varying degrees of schematicity” (TROUSDALE, 2017).

experiências cotidianas), que são apreendidos a partir da interação discursiva entre os participantes (FURTADO DA CUNHA & BISPO, 2012).

Por conta desses interesses da LFCU, é importante que se compreendam, de maneira mais sistemática, as propriedades de uma construção gramatical, para que, com isso, se possa operacionalizar conceitos caros à LFCU em pesquisas de descrição linguística. Assim, este artigo tem o objetivo de discutir as propriedades que envolvem o eixo da forma e da função na abordagem dos processos da construcionalização e da mudança construcional, procurando refletir sobre os problemas de ordem teórica e conceitual e sobre os aspectos metodológicos, de modo que seja possível propor um refinamento dos pressupostos da LFCU e aprimorar a metodologia de análise de dados, principalmente, no que se concerne aos graus de produtividade e esquematicidade.

Este texto está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Primeiramente discutimos os conceitos de forma e função, tentando problematizar, com base em alguns dados do português, as perspectivas de Goldberg (1995), Croft (2001), Langacker (2008) e Traugott e Trousdale (2013). Na seção seguinte, buscamos relacionar as discussões do tópico anterior a questões de ordem metodológica, promovendo uma reflexão do que precisa ser repensado e refinado para que se evitem enviesamentos dos resultados das análises. Na seção seguinte, avaliamos em que medida as discussões levantadas neste texto contribuem para o refinamento da LFCU. Por fim, na última seção, propomos uma reflexão acerca das propriedades da construção, esquematicidade e produtividades a partir dos resultados de Cleres (2018), que confirmam a necessidade do tratamento da correlação entre graus de esquematicidade e produtividade associados à gradiência e à extensibilidade.

Reflexões de ordem teórica e conceitual acerca do eixo forma-função

A clássica definição de construção gramatical que prevê o pareamento entre forma e função representa apenas uma superfície a que subjaz muitas especificidades de ordem teórica e conceitual. O primeiro ponto que discutiremos é a materialização da forma, considerando que expressões idiomáticas e esquemas mais abstratos, como a construção causativa "X faz Y verbo Z", são tratados como forma. Em seguida, analisamos a possibilidade de haver formas

diferentes para uma mesma representação funcional, o que licenciaria o arranjo, na rede, numa perspectiva horizontal e possibilitaria uma aproximação à perspectiva sociolinguística.

Filmore (1988) buscou explicar que alguns aspectos das construções gramaticais são universais e, para tanto, focalizou expressões idiossincráticas (expressões idiomáticas) e alguns esquemas como “O que X faz em Y”. Goldberg (1995), com seu estudo sobre as construções ditransitivas, demonstrou que existe uma certa autonomia da construção em relação às partes que compõem, de modo que a construção recruta os elementos que dela participam, formatando-os às propriedades da construção. Podemos exemplificar essa característica apresentada por Goldberg com a construção “ir (verbo auxiliar - V1) + verbo auxiliado (V2). Acontecem, com certa frequência, ocorrências como “vou ir no parquinho”, em que V1 não é processado, nem pelo produtor nem pelo interlocutor, como um verbo de movimento espacial. Qualquer elemento que ocupar a posição de V2 vai se adaptar às restrições da construção; ou seja, o verbo que ali estiver vai receber informação de futuro.

Quando comparamos, especificamente, dois tipos distintos de construções, as expressões idiomáticas e a construção “*ir (v. auxiliar) + verbo auxiliado*”, percebemos diferentes graus de influência da construção sobre os elementos que a compõem. No caso das expressões idiomáticas, há uma restrição mais sistemática dos itens, o que sugere uma fossilização maior dos itens. Analisando os idiomatismos de uma língua, percebemos que não é, facilmente, possível representá-los de uma forma mais esquemática. Vejamos os casos de “*chutou o pau da barraca*”, “*foi para o céu*” e “*deu ruim*”. Se representássemos o primeiro exemplo num esquema do tipo “*chutar X*”, a presença de quaisquer elementos que não sejam “*o pau da barraca*” e “*o balde*” vão comprometer o resultado como expressão idiomática, o que fornece argumentos favoráveis à cristalização dos itens de um idiomatismo. Ou seja, a inserção de um elemento como “*chutar a porta*” vai sugerir uma interpretação composicional da estrutura. Por outro lado, se propusermos esquemas para as expressões “*foi para o céu*” (ir prep. X) e “*deu ruim*” (dar X), vamos obter uma série de outras expressões idiomáticas, ainda que com significados diferentes (*foi para o inferno, foi para o ralo, foi às lágrimas, deu bolo, deu conta, deu um troço*, entre outras). Os verbos “ir” e “dar” têm significado mais geral, menos específico, levando-os, com mais frequência, comparativamente ao verbo “chutar”, a diferentes combinações idiomáticas.

Mais especificamente sobre a construção [*ir* + prep. X], Oliveira (2014) analisa que tal esquema propicia diferentes possibilidades de significados, pois é uma instanciação de um evento concreto, a partir do qual, por meio de processos cognitivos, os usuários o manipulam em múltiplos contextos linguísticos. O autor demonstra que, tendo como pano de fundo um processo metonímico, tal construção evoca um estado de coisas com valor de evento depreendido a partir do significado do elemento na posição de oblíquo. Em exemplos como “*Justiça convoca pais de alunos que não estão indo à escola*” e “*eu nunca fui à diretoria... nunca/ não gosto de fazer bagunça...*”, percebe-se que os predicados “*indo à escola*” e “*fui à diretoria*” são interpretados, metonimicamente, com base nos eventos suscitados pelo elemento que está na posição de oblíquo, já que tanto “*escola*” como “*diretoria (de escola)*” apontam para diferentes (sub-)sentidos dentro de um certo contexto (“*escola*” aponta para “*estudo*”, por exemplo, e “*diretoria*” para “*brincas*”).

A perspectiva de análise da construção “*ir*” (v. auxiliar) + verbo auxiliado é diferente. Nesse caso, estamos diante de uma construção que, além da autonomia verificada nos idiomatismos, permite a alocação de uma infinidade de verbos na posição de V2 sem que o significado de futuridade⁴ seja alterado.

As análises apresentadas nos fazem refletir, ainda que minimamente, sobre o conceito de forma. Podemos considerar “*ir* prep. X” e “*dar X*” como esquemas construcionais cujas formas apontam para diferentes significados? É claro que muitos elementos que podem ocupar o *slot* X não vão licenciar uma interpretação idiomática, o que não invalida a leitura de tais esquemas como “*construções*”. De um modo geral, percebemos uma certa tendência à não composicionalidade, em certas predicções com esses verbos de significação mais geral.

Sobre essa questão de diferentes preenchimentos de *slots* apontarem para significados diferentes, Van de Velde (2014) discute o conceito de “*degeneração*”, definido como um fenômeno em que elementos estruturalmente diferentes podem exercer a mesma função. Essa proposta nos permite entender uma rede de construções numa perspectiva horizontal, em que elementos são dispostos dessa forma para representar um mesmo nível de membros que compartilham a mesma função, seja no nível da *macro*, da *meso* ou da *microconstrução*. O autor exemplifica com o *past tense* do inglês, cuja marcação acontece por apofonia ou pela alocação de um sufixo dental (*speak* - *spoke* e *talk* - *talked*). A degeneração aumenta a

⁴ Não entraremos na discussão se o futuro é um tempo ou um modo, pois outras nuances de sentido podem ser captadas a partir dessa discussão.

possibilidade de adaptativos sistemas complexos deslocarem-se no ambiente físico. Na mudança de forma-função, falantes renovam a sua gramática e o conceito de “degeneração” explica como isso ocorre.

Cabe pontuar que a proposta de “degeneração” não, necessariamente, se equivale à competição de formas, na perspectiva da sociolinguística variacionista. Analisando o exemplo de Van de Velde, percebemos que há uma expansão da representação do *past tense*, o que, não obrigatoriamente, leva a um caso de variação. As manifestações por apofonia ou pela alocação de um sufixo dental, nos casos ilustrados, não competem, o que significa afirmar que não ocorre a variação *spoke - speaked*, por exemplo. Mesmo não evidenciando um fenômeno estritamente variável, são construções que ocupam o mesmo nível do *constructicon*.

Como analisamos nas expressões idiomáticas, o conceito de função pode se relacionar ao significado lexical da construção, mas pode apontar, também, para um significado mais gramatical, como vemos na construção [Xque], analisada por Cezario, Silva e Santos (2015), que manifesta função de conjunção. Há casos, ainda, em que a interpretação do eixo função não ocorre de modo tão claro. Estruturas formadas por verbo mais complemento podem ser consideradas “construção gramatical”, nos termos de Filmore (1968), Goldberg (1995) e Croft (2001), mesmo considerando que o significado construído, em predicções típicas, é mais composicional? Da maneira como procede Machado Vieira (2014) e Souza & Prezotto Júnior (2017), consideramos que há distintos graus de esquematicidade e composicionalidade⁵ que podem ser avaliados em predicções verbais. Dessa forma, a diferença entre “*ir à Europa*” e “*ir às lágrimas*” reside no fato de a primeira ser mais aberta e sujeita a uma possibilidade maior de preenchimento de *slots* e a segunda ter uma natureza mais lexical. Ambos os exemplos se configuram como construções, ainda que a primeira seja mais esquemática que a segunda.

Questões de ordem metodológica

Um dos aspectos mais importantes numa pesquisa, sem dúvidas, é o método de manipulação dos dados, o que vai ordenar as análises, tornando-as mais formatadas. Com base no que foi discutido, na seção anterior, acreditamos que o tratamento das construções,

⁵O assunto será retomado na seção 4.

desde sua coleta até a distribuição para as análises, deva ser problematizado. Portanto, nesta seção, refletiremos sobre questões metodológicas típicas (coleta e distribuição de dados, tipos de análises), buscando encaminhar as discussões para uma melhor operacionalização das construções, em análises nas perspectivas da construcionalização e da mudança construcional.

Discutimos que o conceito de forma pode ser relativizado, em função da construção com que se trabalha. Assim sendo, forma não pode ser considerada apenas a contraparte formal da construção, já que é preciso especificar o nível de abstração/esquematicidade a que se pode chegar a partir do fenômeno linguístico abordado. Essa propriedade nos coloca diante de um problema em relação aos procedimentos de construções com representação mais esquemática e construções menos esquemáticas: como implementar uma metodologia quantitativa, tendo em vista a especificidade de construções do tipo expressões idiomáticas e tendo em vista a importância que uma análise quantitativa tem para os estudos linguísticos?

Obviamente, construções com um grau maior de esquematicidade tendem a revelar uma produtividade maior, uma vez que é possível preencher os *slots* com uma variedade maior de elementos. No entanto, expressões idiomáticas formadas por predicções complexas são produtivas quando analisadas em conjunto, como apresenta Machado Vieira (2014).

Por um lado, estas normalmente são menos frequentes, quando são comparadas a outras possibilidades construcionais da gramática de uma língua. Por outro lado, tendem, principalmente as mais lexicalizadas, a ser repetidas mais ou menos com a mesma configuração lexical, estrutural e semântica, se caem no gosto de uma comunidade linguística (MACHADO VIEIRA, 2014, p. 109).

A autora argumenta que, embora a construcionalização lexical tenha a característica de ser menos produtiva, os usuários, frequentemente, usam construções com verbo-suporte com maior ou menor grau idiomaticidade. A produtividade não é concebida a partir de uma construção específica ou de um esquema específico, e sim de um uso frequente que pode levar à cristalização dos elementos participantes. Tais características de construções mais opacas e menos esquemáticas devem ser, portanto, consideradas quando se pensa no tipo de análise que se deve empreender, de modo que a baixa produtividade de uma ou outra expressão idiomática não reflète a produtividade de uso de idiomatismos com função específica - como a função em predicções complexas.

Outra questão metodológica importante e fundamental para a análise de dados construcionais é a interpretação que se faz a partir da combinação das partes de uma

construção. O pesquisador é levado a analisar/interpretar os dados conforme suas suposições sobre a comunidade que usa as construções em questão. No entanto, não é muito coerente, em uma pesquisa baseada na LFCU, que os dados sejam interpretados apenas a partir da perspectiva do pesquisador, o que pode gerar o “Paradoxo do observador” (LABOV, 2008). A metodologia em que se considera a avaliação do falante sobre os usos linguísticos funciona como uma alternativa para que esse problema da perspectiva do pesquisador seja minimizado. Essa metodologia experimental funciona como uma opção para controlar os problemas levantados na introdução deste texto sobre forma e função, já que ninguém é melhor que os usuários para julgar a validade das construções que ocorrem em determinada norma linguística.

A partir dessa metodologia, que é frequentemente chamada de “Testes de Percepção e Uso Linguísticos” (ASSIS, 2009; ETEVES, 2012), os usuários julgam (i) a validade da construção - se ela é, em maior ou menor grau, possível na comunidade de fala em que está inserido -; (ii) os significados possíveis a partir da combinação dos elementos que formam a construção; (iii) a possibilidade de alteração de algum membro da construção; (iv) os graus de interferência dos elementos presentes; (v) o grau de congelamento semântico; entre outros aspectos.

Alternativas/soluções para aprimorar a metodologia de pesquisa em função dos problemas discutidos

De acordo com Fried (2010, 2015), o objetivo da Gramática das Construções é dar conta das propriedades que designam todos os tipos de expressões linguísticas. Esse pensamento da autora leva ao seguinte pressuposto, bastante atual, que a estrutura linguística – seja regular ou não – tem valor informativo na língua. Dessa forma, para dar conta dessa proposição, o pesquisador necessita de uma análise “complexa”, que acomode as características dos diferentes constituintes da construção (sintático, morfológico, semântico, pragmático etc.) a partir de abordagem integrada entre a estrutura interna e a estrutura contextual.

Na literatura construcionista, o signo é denominado de construção e se aplica a todos os tipos de entidades linguísticas (morfema, unidade sintática, uma expressão completa). Traugott e Trousdale definem construção como: “construções são convencionais na medida

em que são compartilhadas entre um grupo de falantes. Elas são simbólicas na medida em que são *signos*, tipicamente associações arbitrárias de forma e significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1), baseados na abordagem de Croft (2001, p. 18), que dispõe “construções são unidades simbólicas concebidas pelo *elo de correspondência entre forma e sentido* (convencional)”.

Avaliando as definições apresentadas, temos no polo – forma – construções que podem se referir a qualquer combinação de características e significados sintáticos, morfológicos ou prosódicos, e no polo – função – tem-se um sentido amplo, que pode se referir à semântica, semântica lexical, estrutura do evento, vozes do verbo, pragmático, estrutura do discurso entre outros. Soma-se que a construção é vista dentro de um repertório de construções organizadas em redes de construções.

Um primeiro apontamento que deve ser feito é que, em uma abordagem de orientação cognitiva/construcional, esta não traça uma distinção categórica entre léxico e gramática, e o resultado disso é que as categorias linguísticas são vistas como protótipos “funcionais”⁶, em um *continuum* de ‘categorialidade’. Sobre isso, Fried (2015) aponta que as construções podem diferir em grau de especificidade, sendo distribuídas em graus de esquematicidade, sendo:

Graus de esquematicidade	Exemplos
Totalmente preenchido e fixado	<i>Lagoa azul, children, by and large</i>
Totalmente preenchido e parcialmente fixado	<i>Go[tense] postal, hit[tense] the road</i>
Parcialmente preenchido	<i>O [adjetivo] (ex. O rico, o novo) [expressão temporal] ago (ex. Six days ago) Adjetivo-ly (ex: richly)</i>
Totalmente esquemático	<i>[v NP] Radical verbal-Past (ex. Caminh-ei)</i>

Quadro 1: Graus de esquematicidade (adaptado de Fried, 2015, p. 977)

Observando o quadro (01), acima, e retomando a noção de construção, podemos perceber que seu alcance vai desde um significado idiomático (*chutar o pau da barraca*) a um significado mais gramatical (V1 + V2), em que teríamos, por sua vez, construções com graus de esquematicidade diferentes, o que coaduna com o pensamento de Traugott & Trousdale (2013), que apontam que, em uma rede construcional, podemos ter as construções procedurais, que passaram por uma trajetória de construcionalização gramatical ou as

⁶ Por limitação de espaço, não discutimos a noção de protótipos. Adotamos a noção desenvolvida por Geeraerts (2009).

construções de conteúdo, as quais passaram por construcionalização lexical. Assim, até expressões idiomáticas podem compartilhar certos aspectos regulares – conforme já proposto por Fillmore, Kay & O'Connor (1998). Dessa forma, deve-se eleger como uma prioridade para aprimorar a metodologia da FLCU, controlar o grau de esquematicidade, conforme proposto no quadro (1).

Goldberg (1995) aponta que a relação entre construções é baseada em similaridade: duas construções estão intimamente relacionadas se elas compartilham um número significativo de recursos. Na visão da autora, a similaridade entre construções constitui um aspecto importante para a produtividade, uma vez que a semelhança entre construções se dá de forma gradual, através de analogia, a produtividade dos esquemas da construção deve variar ao longo do contínuo. Assim, quando um esquema de construção é aplicável a todas as possibilidades de determinada estrutura linguística, maior sua produtividade e esquematicidade.

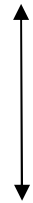
Neste sentido, a gramática é vista como um inventário de construções, que são organizadas em redes, em graus variados de complexibilidade. Traugott & Trousdale (2013) apontam que há *links* entre construções, não só a *herança*, conforme Goldberg (1995) e Croft (2007), mas também o *relacional*, especificando os tipos de relações entre as construções. O crescimento da rede e o desenvolvimento de novos *types* (de famílias de construções) são fenômenos que são característicos da rede conceitual, que deriva de eventos de uso nos quais a abstração e a extensão de construções anteriores são típicas. Assim, do ponto de vista dos autores, a produtividade da construção é gradiente.

Para Langacker (1987), as construções possuem determinado valor de ativação, relacionado à frequência de uso, o qual denomina “nível de enraizamento” (entrincheiramento), em que expressões linguísticas mais frequentemente utilizadas são mais profundamente enraizadas (entrincheiradas). Segundo Bybee (1995), o nível de enraizamento (entrincheiramento) é uma propriedade que determina a seleção de um esquema em detrimento de outro na interação verbal.

Soma-se, ainda, que há uma forte relação entre a produtividade de um padrão e o número de itens ao qual ele se aplica, nomeado de *type frequency* da construção; e a produtividade do padrão é evidente nas mudanças fonéticas, morfológicas e sintáticas. O uso de um padrão com itens diferentes fortalece os padrões e cria uma categoria geral que pode

ser ampliada para se aplicar a novos itens (BYBEE, 2015). O conceito de produtividade, no modelo de uma gramática de construção baseada no uso, se refere à produtividade de determinada construção que é conduzida por um esquema abstrato a partir de enunciados reais.

Retomando o quadro (01) e o relacionando ao conceito de produtividade, temos o quadro (2), que apresenta os graus de esquematicidade e sua relação com o aumento de produtividade:

Graus de esquematicidade	Exemplos	Produtividade
Totalmente preenchido e fixado	<i>Lagoa azul, children, by and large</i>	
Totalmente preenchido e parcialmente fixado	<i>Go[tense] postal, hit[tense] the road</i>	
Parcialmente preenchido	<i>O [adjetivo] (ex. O rico, o novo) [expressão temporal] ago (ex. Six days ago) Adjetivo-ly (ex: richly)</i>	
Totalmente esquemático	<i>[v NP] Radical verbal-Past (ex. Caminh-ei)</i>	

Quadro 2: Graus de esquematicidade e a relação com produtividade
Fonte (autoria própria)

Aqui é importante fazer a distinção entre esquematicidade e analogia, conforme feita por Tomassello (2003) e Langacker (2000), que podem ser tratados sob o rótulo de esquematização. A esquematicidade, de acordo com Tomassello (2013), é vista a partir da similaridade perceptiva e corresponde à extração de partes estáveis (corresponde, neste caso, aos *slots* "variáveis") em vários eventos de usos, o que conduz ao requisito de que todas as construções instanciadas devem ter pelo menos um "item/parte" em comum. Já a analogia está associada à semelhança relacional, ou seja, diferentes construções desempenham um mesmo papel por **semelhança simbólica** (por exemplo, um agente) em uma série de enunciados. "esquematização leva à formação de construções baseadas em itens (ou ilhas construtivas), enquanto a analogia é responsável pela formação de construções totalmente

abstratas que não retém nenhum item particular, como a construção ditransitiva”⁷(PEREK, 2015, p. 168). Aplicando essa noção, podemos depreender a seguinte correlação entre os graus de esquematicidade e de produtividade, conforme quadro (3).

Graus de esquematicidade	Exemplos	Graus de produtividade
Totalmente preenchido e fixado	<i>Lagoa azul, children, by and large</i>	Semelhança baixa entre a especificidade semântica da construção (<i>type</i>) e do constructo (<i>token</i>)
Totalmente preenchido e parcialmente fixado	<i>Go[tense] postal, hit[tense] the road</i>	Semelhança por relação paradigmática
Parcialmente preenchido	<i>O [adjetivo] (ex. O rico, o novo) [expressão temporal] ago (ex. Six days ago) Adjetivo-ly (ex: richly)</i>	Semelhança por metaconstrução ⁸
Totalmente esquemático	[v NP] Radical verbal-Past (ex. Caminh-ei)	Semelhança simbólica

Quadro 3. Correlação entre os graus de esquematicidade e os graus de produtividade

Fonte:(autoria própria)

Retomando o exemplo “*chutar o pau da barraca*”, é perceptível que a semelhança entre o esquema virtual e a instanciação é pouco dependente do processamento analógico, sendo mais vinculado, por sua vez, à herança por instanciação *por metáfora* (GOLDBERG, 1995), ou seja, maior atuação da composicionalidade, característico das expressões idiomáticas. Já no esquema “*ir (v. auxiliar) + verbo auxiliado*”, metaconstrução [Vaux + V], licencia uma maior possibilidade de *slots* a serem preenchidos (colocações), e, por sua vez, passa a apresentar alta frequência *token*, representando, por sua vez, sua característica gramatical. Assim, o controle dos graus de esquematicidade e de produtividade são propriedades oferecidas pelo modelo da LFCU para a análise de um padrão lexical/gramatical entre o pareamento forma-significado são necessários para o aprimoramento da metodologia da FLCU. A sugestão apresentada, no quadro (03), oferece fundamentos teórico-

⁷ Cf. original: “schematization leads to the formation of item-based constructions (or constructional islands), while analogy is responsible for the formation of fully abstract constructions that do not retain any particular lexical item, like the ditransitive construction”

⁸ [Metaconstructions] “capture systematic similarities and differences which occur between several pairs of constructions” (LEINO & ÖSTMAN, 2005, P. 207). Cf. original: “[Metaconstrução] “captura semelhanças sistemáticas e diferenças que ocorrem entre vários pares de construções”.

metodológicos para uma análise mais refinada das propriedades de esquematicidade e produtividade.

Correlação entre esquematicidade e produtividade

A ideia de usar a frequência para explicar a distribuição (potencial) de uma construção vem de pesquisas em morfologia, em que a frequência *type* determina o grau de entrincheiramento de um esquema (cf. BYBEE, 1985). Esse tipo de análise, verificar a partir do contexto de uma construção para determinar quantos itens diferentes ocorrem nos vários *slots* de uma construção, bem como determinar a frequência *type* de uma construção é importante, pois demonstra que o aumento da frequência *type* se correlaciona diretamente com a capacidade de ocorrência de novos lexemas em uma construção. São exemplos desse tipo de estudo, as pesquisas sobre *way constructions* de Goldberg (1995) e construções resultativas (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004), em que são evidenciados a produtividade e limitação da relação dos tipos de verbos com os quais podem ocorrer nessas construções.

Um outro fator importante que influencia a produtividade de uma construção é a frequência *token*, que determina o grau de entrincheiramento das formas individuais (ou seja, a variabilidade dos itens que ocorrem em um determinado padrão), e preempção estatística (o repetido testemunho da palavra em um padrão competitivo) (GOLDBERG, 2006, p. 93). Aqui, se inserem trabalhos que relacionam métodos linguísticos corpus-quantitativos para analisar sistematicamente as relações entre as palavras e os padrões gramaticais em que elas ocorrem (cf. STEFANOWITSCH & GRIES, 2003, GRIES & STEFANOWITSCH, 2004a, GRIES & STEFANOWITSCH, 2004b, STEFANOWITSCH & GRIES, 2005, MACHADO VIERA; WIEDEMER, 2018).

Além dos parâmetros, acima, mais recentemente, Barðdal (2008) evidenciou que a produtividade é mais bem vista como uma função de frequência *type*, coerência semântica, e a correlação inversa entre os dois. Baseada em evidências históricas e psicolinguísticas (BARÐDAL, 2006, 2008), a autora propõe o seguinte cline de produtividade, Figura (01), onde construções localizadas no topo não são apenas as construções mais produtivas (alta frequência *type*), mas também as mais gerais (generalidade) e mais regular (regularidade). Por

outro lado, construções mais baixas no *type* frequência podem exibir um baixo ou alto grau de coerência semântica. Dessa forma, a proposta da autora permite ao pesquisador considerar tanto a produtividade como a analogia. Vale observar que os padrões com alta frequência estão localizados na extremidade superior do cline de produtividade são os que mostram o menor grau de coerência, exatamente por causa de sua alta frequência de *types*, enquanto os padrões mais baixos, localizados mais abaixo no eixo vertical, quanto maior o grau de coerência encontrado em seus itens instanciadores, mais próximos eles estão do cline de produtividade, indo do canto superior esquerdo para o canto inferior direito.

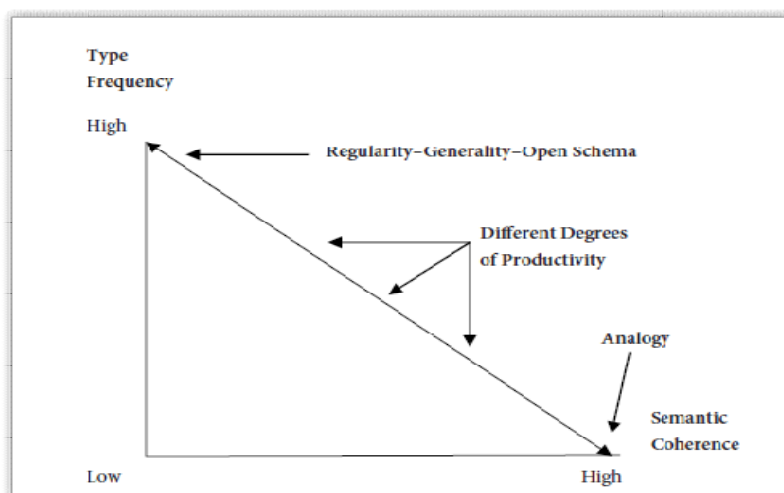


Figura 1– Diferentes aspectos do cline da produtividade (Fonte: BARÐDAL, 2008, p. 38)

Barðdal (2008), ao revisar o conceito de produtividade, aponta que há pelo menos dezenove sentidos diferentes na literatura linguística, e todos podem ser relacionados a três conceitos: generalidade, regularidade e extensibilidade, conforme destacado, na figura (02).

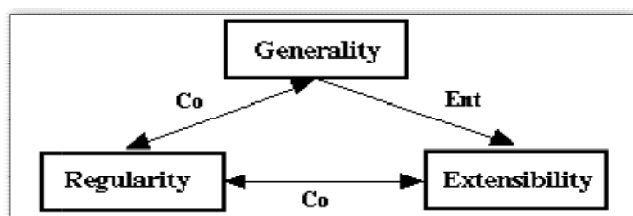


Figura 2 – Os três subconceitos de produtividade (Fonte: BARÐDAL, 2006, p. 468)

A autora (BARÐDAL, 2006, 2008), sobre a figura (02), explicita que os padrões mais regulares (regularidade) em uma língua são geralmente também os padrões mais gerais (generalidade). Assim, essas duas propriedades são frequentemente concomitantes entre si, representados com “Co”. O padrão mais regular é também aquele que é mais extensivo a itens novos ou existentes em uma língua, assim, o padrão mais extensível (extensibilidade) é geralmente o padrão mais regular (regularidade), sendo, portanto, concomitantes (Co) entre si. Já o padrão mais geral é geralmente também o padrão mais extensível (extensibilidade), enquanto os padrões extensíveis não precisam ser os mais gerais, conforme indicado por “Ent” para a relação de vinculação. Em resumo: generalidade implica extensibilidade, enquanto a extensibilidade não pressupõe generalidade. De acordo com Barðdal (2006, p. 469) “padrões restritos também podem ser estendidos a itens novos ou existentes, embora sejam estendidos muito menos do que não. padrões restritos”.⁹

Assim, retomando o quadro (03), e correlacionando com os apontamentos, acima, de Barðdal (2006, 2008), os diferentes níveis de esquematicidade, vão de um nível mais baixo, com instanciações concretas, lexicamente preenchidas, passando para nível acima que contém construções especificadas (por exemplo, classe verbal); acima, construções específicas semanticamente; e o nível acima contém a abstração entre os itens do nível abaixo. Esta organização de construções aponta para diferentes graus de esquematicidade.

Observamos, agora, os resultados de Cleres (2018), que analisou construções com *agora* em jornais do século XIX, representadas em sua construção mais abstrata como [(X) agora (Y)], a partir de 276 dados analisados, encontrou subesquemas de diferentes níveis, em que evidenciou que há dois subesquemas superordenados: a construção [circunstancial agora TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO agora], [agora VERBO], [PREPOSIÇÃO agora], em que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [agora ADJETIVO], [agora SUBSTANTIVO], [agora], [agora QUE], [agora (X) PERÍODO]¹⁰, em que o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações entre as porções textuais, onde a indicação do tempo é não cronológica, já que apresenta correlação enunciativa. Além disso, ambos os subesquemas apontam para o domínio

⁹ Cf. original: “restricted patterns can also be extended to new or existing items, although they are extended much less than non-restricted patterns”.

¹⁰ Utilizamos somente os resultados referente à construção [circunstanciadora agora TEMPO]. Os demais resultados podem ser conferidos em Cleres (2018).

funcional mais amplo da adverbialidade, relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [(X) agora (Y)]. A partir da análise da produtividade dos usos da construção *agora*, Cleres (2018, p. 65) aponta as seguintes frequências de usos, conforme.

CONSTRUÇÃO	Nº	%
[VERBO <i>agora</i>]	120	43,4
[<i>agora</i> VERBO]	91	32,9
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i>]	38	13,7
[<i>agora</i> (X) ORAÇÃO]	10	3,6
[<i>agora</i> QUE]	8	2,8
[<i>agora</i> ADJETIVO]	5	1,8
[<i>agora</i> SUBSTANTIVO]	2	0,7
[<i>agora</i> PERÍODO(S)]	2	0,7
TOTAL	276	100

Tabela 1: Microconstruções com *agora* (Fonte: CLERES, 2018, p. 65).

Podemos observar que o maior número de ocorrências está na construção [VERBO *agora*] e corresponde ao total de 43% das amostras encontradas. Em seguida, a construção [*agora* (X) VERBO] ocupa, em número de ocorrências, a segunda posição de construções mais empregadas e representa (32,9%) do total encontrado. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] tem expressivo número nos textos pesquisados (13,7% do total), ao passo que as demais construções são realizadas em menor quantidade e contribuem com (3,6%), (2,8%), (1,8) e (0,7%), respectivamente, conforme os exemplos, a seguir.

(1) (...) *E com effeito, qual outro seria o meu propósito? Lembrar-se há alguém do dezejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? (...) Por muito sensível que eu seja a este sentimento tão natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos veros que tomei por epigraphe. Não entrarei agora na sincera condução de meus defeitos: vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre, e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los.*" [subesquema VERBO *agora*]

(Jornal O Patriota, seção "Política" – 1813)

(2) "(...) Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas se acreditado saber, mas de hum gênio melancolico, avultando as dificuldades, que carregarião sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, a que dava mais pezo a autoridade de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder sómente á rezão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desengano. Eu annunciei a empreza, e entre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estímulos de outra, caminhei constante ao meu fito. Tenho consummado a carreira, e he facil **agora estabelecer** hum argumento vitorioso.(...)" [subesquema agora VERBO] (*Jornal O Patriota*, seção "Política" – 1813)

(3)"(...) E qual tem sido a acção dos passado ministerios sobre semelhantes potentados eleitoraes? Temos vistos ministerios, que teem sido a expressão de violentos partidos, transigirem inteiramente com taes potentados eleitoraes, e para elles porem todos os favores, todas as atenções, e até mesmo o cerramento dos olhos sobre crimes, que por semelhante maneira ficão dentro das muralhas dos partidos! O que **até agora** temos visto, é nada recusar-se, absolutamente nada, a esses potentados, que por seu turno torturão a esses cidadãos fracos ou pobres para lhes alcançar quasi sempre o avesso do seu sentir. E tudo isto não é macular a mais Santa das funções populares?..." [subesquema PREPOSIÇÃO agora] (*Jornal O Tempo*, seção "Interior" – 1832)

No subesquema [agora VERBO], percebe-se maior produtividade no emprego adverbial, conforme tabela (01), ao final, uma vez que o uso prototípico dos advérbios, tal como um modificador, mantém-se aqui. Em (01), o verbo "entrar" possui o sentido de movimento, logo denota uma ação modificada pelo elemento *agora*, o qual pontualiza a ação verbal.

Em (2), a função de adverbial circunstancial também se mantém. Porém, a relação é feita com o verbo "*estabelecer*", que não é de movimento, diferentemente de (1). Apesar de indicar um tempo, em (2), ele não é pontuado. Sobre isso, é importante destacar que a ordenação dos adverbiais temporais (locuções ou advérbios simples) tem sido amplamente estudada em diferentes sincronias e gêneros textuais, que destacam a produtividade da ordem na fixação de diferentes subesquemas construcionais (cf. CEZARIO; ILOGTI DE SÁ; COSTA NUNES, 2005, CEZARIO; MACHADO; SOARES, 2009, ALBANI; CEZARIO, 2012, entre outros estudos).

Ao observarmos o enunciado (3), é possível depreender a construção formada por [PREPOSIÇÃOx agora], que estabelece uma locução prepositiva (adverbial) circunstancial. Neste caso, a temporalidade do elemento *agora* é reforçada pela ideia de "limite" temporal, e permite uma leitura atélica do enunciado, que é reforçado pelo verbo "ter", ou seja, uma ação ainda a ser finalizada. Dessa forma, comparando-se os dois subesquemas até aqui analisados,

[VERBO x agora] e [agoraVERBO y], somados ao subesquema [PREPOSIÇÃO x agora], é perceptível certa relação hierárquica entre os três subesquemas, ou seja, a relação de “modificação”, característica das construções adverbiais, ou seja, de circunstância.

Representamos, abaixo, esses três subesquemas a partir de uma rede construcional, que denominamos de “construção circunstancial adverbial”.

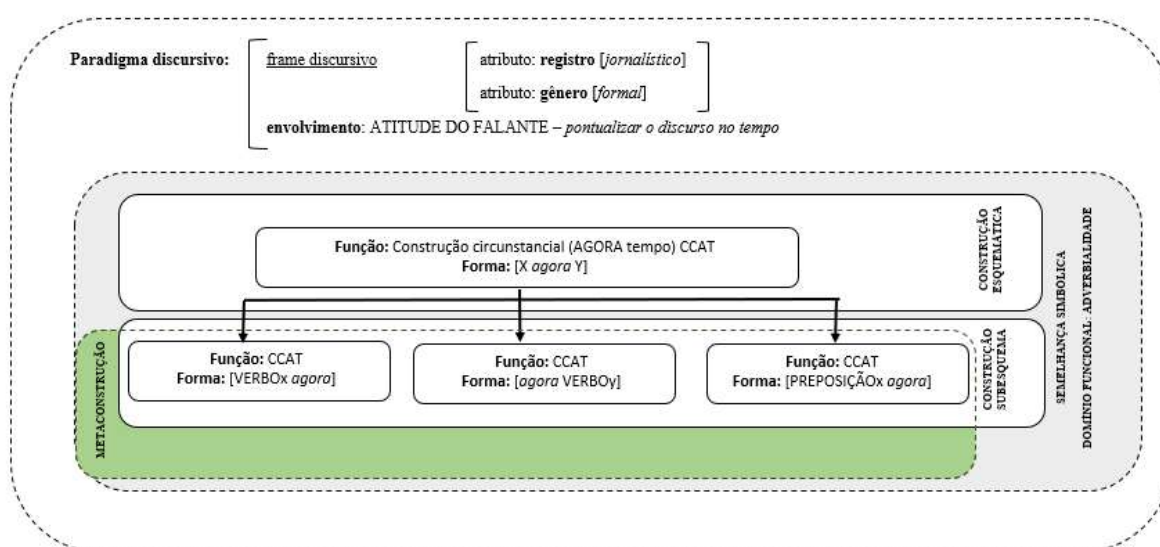


Figura 3: Subesquemas construcionais (construção circunstancial adverbial)

(adaptado de CLERES, 2018, p. 58)

Primeiramente, na figura (03), temos a representação da construção [circunstancial *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO x *agora*] (1), [*agora* VERBO y] (2), [PREPOSIÇÃO x *agora*] (3). Tais subesquemas possuem uma parte específica e outra que contém *slots* a serem preenchidos por unidades linguísticas. Por sua vez, os subesquemas podem ser relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [circunstancial $agora$ TEMPO]. Dessa forma, subesquemas diferentes permitem a leitura de circunstância de tempo, representada pela parte cinza, na figura (03). Dessa forma, retomando os resultados da tabela (01), podemos correlacioná-los com os graus de esquematicidade das construções, temos, a seguir, na tabela (02), a representação da produtividade, dos subesquemas e dos esquemas. Se avançarmos neste tipo de representação, podemos perceber que os demais resultados da tabela (01) ([AGORAx oração], [AGORAx que], [AGORAx adjetivo], [AGORAx substantivo],

[AGORAx período(s)]), formam outra organização construcional hierárquica e de significação, ou seja, apontam para graus de produtividade e esquematicidade diferentes.

Tabela 02–Correlação entre os graus de esquematicidade e produtividade

Subesquemas	Produtividade		Esquema
	Nº	%	
[VERBO <i>agora</i>]	120	43,4	Semelhança simbólica [x Agora y]
[<i>agora</i> VERBO]	91	32,9	
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i>]	38	13,7	
Semelhança por metaconstrução			

Além da representação da construção, a representação, na figura (03), captura as nuances pragmáticas, ou seja, a enunciação, que está indicada pelo (dp) – *padrão discursivo*, ou seja, temos um determinado padrão discursivo/paradigma que licencia determinadas construções. Além disso, este *dp*, por sua vez, pode possuir especificações/condicionantes, que são denominadas de *atributos* (a); no esquema, neste caso, os atributos são *jornalístico* e *formal*. Por fim, tem-se a indicação do envolvimento, atitude do falante, em que tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo. Por fim, a representação aponta para o domínio funcional da adverbialidade.

Perek (2015) argumenta que se pode representar, na rede construcional, generalização de um significado comum (ou de uma zona de funcionalidade semântica, discursiva, pragmática, social ou cognitiva partilhada) entre dois ou mais padrões construcionais independentes. Tais padrões são, assim, associados a uma forma não específica (subespecificada), em razão de similaridades observáveis. Para sustentar a relação de associação entre construções, Cappelle (2006) argumenta que “duas” construções devem ser concebidas como ligadas mediante uma “metaconstrução”, constructo teórico-descritivo que capta o que essas construções apresentam em comum e a uma (relativa) neutralização do que as diferencia/faz unidades diferentes.

A respeito da generalização de herança por todas as construções, o autor sugere a denominação *constructeme* (metaconstrução), representado pelo espaço em verde, na figura (03). A representação por metaconstrução e dos seus respectivos “links” de herança capta, de

um lado, a semelhança entre padrões construcionais e abarca, de outro lado, nas *allostructions*, as especificações semântico-pragmáticas (e cognitivas e sociais) adicionais, bem como o tipo de informação funcional prototípico de cada aloconstrução.

Observando a metaconstrução (destacada em verde), em uma primeira análise, pode levar ao leitor compreender como as três construções com o mesmo peso de igualdade. Porém, se realizarmos uma correlação entre a produtividade de cada construção, conforme a tabela (02), na representação esquemática da construção, passamos a conhecer os diferentes graus de esquematicidade e produtividade de cada subesquema. Assim, retomando os resultados da tabela (01), temos: 120 dados (43,4%) de [Verbo AGORA], 91 dados (32,9%) de [AGORA verbo] e 38 dados (13,7%) de [preposição AGORA], temos a seguinte representação na Figura (04).

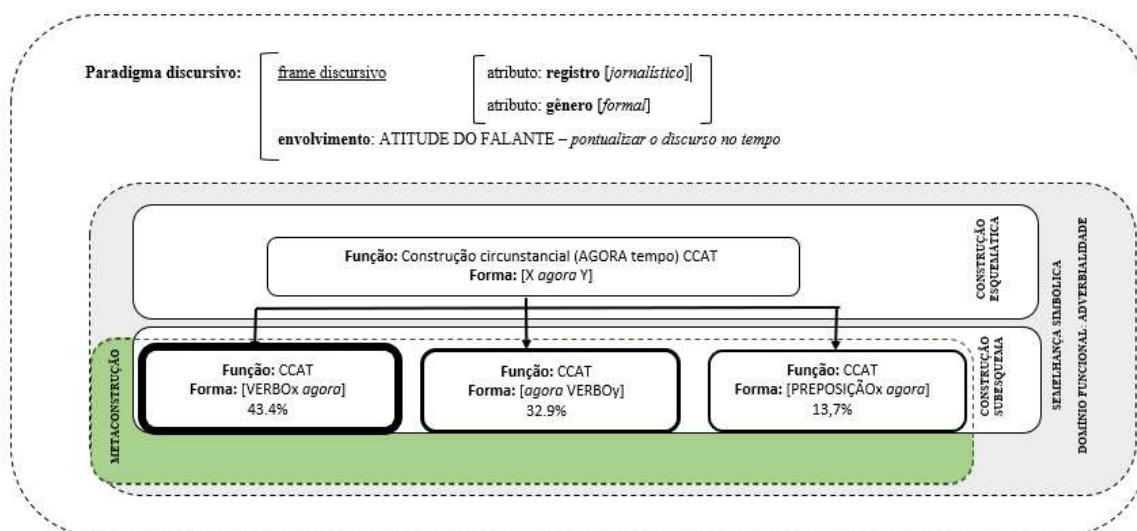


Figura 4 – Correlação a produtividade dos subesquemas construcionais e a esquematicidade
(Fonte: autoria própria)

Avaliando a figura (04), acima, é possível observar a gradiência das construções individuais e a sua distribuição no esquema construcional. Além disso, os diferentes graus de produtividades de cada subesquema construcional apontam que o subesquema [VERBOx agora] é o mais produtivo, bem como representa o significado mais básico, circunstancial, e os outros dois subesquemas apontam para novos desenvolvimentos na rede construcional.

Conforme percebemos até aqui, os usos da construção com *agora* são produtivos e apresentam uma vasta gradiência semântica. Aqui é importante destacar a questão da gradiência semântica entre os subesquemas, isto é, há uma diferença entre os subesquemas, no que diz respeito a algumas das propriedades do significado – semântica, pragmática e discurso –, e que dificultam enquadrá-los unicamente em uma ou outra construção. Tendo em vista essa gradiência, as categorias e unidades de linguagem são variáveis, em vez de categorias fortemente delimitadas (BYBEE, 2003). Sobre isso, Traugott & Trosudale (2010) apontam que um aspecto da gradiência é que alguns membros de uma categoria são “melhores” do que outros. Esse aspecto se relaciona tanto à representatividade de um exemplar quanto ao grau de pertença na teoria dos protótipos.

Sobre isso, vale retomar as palavras de Traugott & Trosudale (2013), que apontam que os múltiplos significados disponíveis em uma rede irradiam de um protótipo ou “significado central como extensões”. Além disso, a organização de unidades linguísticas convencionais dentro de redes e conjuntos está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto a moldando, quanto sendo moldada por ela (LANGACKER, 2008), ou seja, nossa representação mental da gramática é baseada na experiência linguística. Como tal, a representação cognitiva é afetada pela frequência com que unidades individuais de linguagem são usadas.

Já é sabido, na literatura construtivista, que um parâmetro importante ao longo do qual construções podem variar é o seu grau de esquematicidade (cf. JACKENDOFF, 2002, GOLDBERG, 2003, CROFT; CRUSE, 2004). Porém, é necessário, do ponto de vista cognitivo, apontar que todos os níveis da construção (forma-função) são fortemente afetados por efeitos de frequência de entrada (produtividade), conforme evidenciado na Figura (04). A frequência de determinada construção não só afeta o armazenamento de unidades linguísticas, mas também desempenha um papel importante no fortalecimento (entrincheiramento) de padrões construcionais abstratos.

Considerações Finais

De acordo com o modelo construtivista, pode-se afirmar que a organização de nosso conhecimento linguístico está estruturada em uma rede de construções, cuja representação funcional pode apresentar papéis semânticos, sintáticos e diferentes graus de esquematicidade nas construções. Se houver aumento de produtividade da construção, ocorre a expansão e,

consequentemente, há a inserção de novos membros; os exemplares mais antigos podem se estabilizar ou, até mesmo, apresentar uma outra configuração. Assim, um significado mais esquemático pode ser aplicado a uma gama mais ampla subesquemas, em que a ocorrência de novos *types* podem contribuir para a extensão do esquema. Por outro lado, se um novo *type* não é coberto pelo esquema, este pode ser ajustado (princípio da coerção¹¹) ou podem ser tornar inovadoras se não forem cobertas pela abstração do esquema sobre usos atestados.

O princípio básico da construção gramatical é que nosso conhecimento é moldado e composto por uma rede taxonômica de construções, ou seja, pareamento de forma e significado (GOLDBERG, 1995), e nenhum nível de gramática é considerado autônomo. Assim, o crescimento da rede e o desenvolvimento de novos *types* (de famílias de construções) são fenômenos que são característicos da rede conceitual, que deriva de eventos de uso nos quais a abstração e a extensão de construções anteriores são típicas. Famílias de construções *type* podem ser reunidas (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas.

Por fim, conforme demonstrado ao longo do artigo, coadunamos com Perek (2016) que aponta que há dois tipos de esquematicidade (graus de esquematicidade) que devem ser distinguidas: a do nível dos *slots* e do nível das construções, conforme os resultados dispostos nas tabelas (01) e na Figura (04). Dessa forma, a produtividade está diretamente relacionada com a esquematicidade dos *slots*.

Referências

ALBANI, F. L. V.; CEZARIO, M. M. Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.

ASSIS, K. L. P. *Dar/Fazer/Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Tese de Doutorado), 2009.

BARÐDAL, J. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions, *BSL* 32, n. 1 2006, 2006. Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v32il3438>

_____. *Productivity. Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

¹¹ Sobre o princípio da coerção, ver Machado Vieira & Wiedemer (2018).

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, B.; JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

_____. *Language Change* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CLERES, D. *Construções com agora em jornais do século XIX: uma perspectiva centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ, 2018.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions. *Constructions, Special Volume 1*, 1–28, 2006.

CEZARIO, M. M.; ILOGTI DE SÁ, E. C.; COSTA NUNES, J. O. Ordenação de advérbios temporais ou aspectuais. *Transformar*, Revista do CenPE; Fundação São José, n. 3. Itaperuna, RJ: Templo Gráfica, 2005.

_____, MACHADO, N.; SOARES, B. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais no português escrito: uma abordagem histórica. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (Org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.

_____.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção [Xque]conec no Português. *Escrita*, Nilópolis, v. 6, n. 3, 2015.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Construction grammar. In GEERAERTS, D.; CUYKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*, 2007, p. 463-508

ESTEVES, G. A. T. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Tese de Doutorado), 2012.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, v. 64, 1988, p. 501-538.

FRIED, M. Constructions and frames as interpretive clues. *Belgian Journal of Linguistics* 24, p. 83-102, 2010.

_____. Construction Grammar. In: ALEXIADOU, A.; KISS, T. (Eds.), *Theory and Analysis. An International Handbook*. Handbooks of Linguistics and Communication Science. 42.1-3. Berlin: Walter de Gruyter, p. 974-1003, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 53-78, 2012.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

- GEERAERTS, D. *Theories of Lexical Semantics*. New York: Oxford University Press, 2009.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. “Extending collostructional analysis: A corpus-based perspective on ‘alternations’”. *International Journal of Corpus Linguistics*, 9(1), 97–129, 2004a.
- _____. “Co-varying collexemes in the into-causative”. In: ACHARD, M.; KEMMER, S. (Eds.), *Language, culture, and mind*. Stanford: CSLI, p. 225–236, 2004b.
- JORDÃO, G. M. J. *Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, 2017.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. A dynamic usage-based model. In.: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- _____. *Cognitive grammar : a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LEINO, L.; ÖSTMAN, J-O. Constructions and variability. In.: FRIED, M.; BOAS, H. C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005 (Constructional Approaches to Language).
- MACHADO VIEIRA, M. S. Idiomatidade em construções com verbos-suporte do Português. *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ*, São Gonçalo, N. 28, 2014.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, n. 1, v. 1, p. 81-132, 2018.
- NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011 [2000].
- OLIVEIRA, V. M. *Análise de construções de movimento no português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Tese de Doutorado), 2014.
- PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- _____. Recent change in the productivity and schematicity of the way-construction: a distributional semantic analysis. *Corpus Linguistic and Linguistic Theory*, 2016.

SOUZA, E. R. F.; PREZOTTO JÚNIOR, J. R. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo “deixar” no português brasileiro. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. “Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions”. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8(2), p. 209–243, 2003.

_____. “Covarying collexemes”. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, 1(1), p. 1–43, 2005.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Gradience, Gradualness and Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 19-44.

TROUSDALE, G. Conferência “The development of pragmatics markers as instances of grammatical constructionalizations”. *XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, UFF, 2017.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART R., COLLEMAN, T., RUTTEN, G. (Eds.), *The extending scope of construction grammar*. De Gruyter, p. 141-179, 2014.

Degrees of schematicity and productivity: the relationship between gradient and extensibility

Abstract: This paper proposes a reflection about the properties of the construction, schematicity and productivities, in terms of degrees and, as a consequence, about its relationship with the inherent gradient to the linguistic categories. To support such a position, we consider the results of Cleres (2018), which confirm the need to treat the correlation between degrees of schematicity and productivity associated with gradient and extensibility.

Keywords: Constructions Grammar. Schematicity. Gradience. Extensibility.

Recebido em: 18 de janeiro de 2019.

Aceito em: 04 de abril de 2019.